

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  
**UFRGS**  
PROPESQ



múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS                  |
| <b>Ano</b>        | 2017   |
| <b>Local</b>      | Campus do Vale   |
| <b>Título</b>     | O passado, a história, o romance: tempo e narrativa em A náusea, de Jean-Paul Sartre |
| <b>Autor</b>      | JOÃO CAMILO GRAZZIOTIN PORTAL  |
| <b>Orientador</b> | FERNANDO FELIZARDO NICOLAZZI   |

**Título:** O passado, a história, o romance: tempo e narrativa em *A náusea*, de Jean-Paul Sartre

**Autor:** João Camilo Portal

**Orientador:** Fernando Felizardo Nicolazzi

**Instituição:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Resumo:**

O objeto da presente pesquisa centra-se no romance *A náusea* (1938), do filósofo francês Jean-Paul Sartre. O livro consiste no diário de Antoine Roquentin, no qual ele elenca eventos relacionados à sua vida e à sua pesquisa histórica. A escrita de uma biografia acerca do Marques de Rollebon, um homem do século XVIII, confunde-se com a própria vida de Roquentin, e, ademais, com a sua própria história individual. Trata-se de uma reflexão sobre o tempo: o passado do biografado – no qual a história mostra-se de uma maneira pouco efetiva, evidenciando a face anti-historicista de Sartre, bem como uma visão pessimista da narrativa histórica; o presente do historiador – diante do qual existe um presente absoluto e plenamente real, muito embora intercalado com seus passados “verdadeiros”; o futuro do próprio ofício histórico – um horizonte opaco diante do qual o passado não explica a possibilidade de emergência de eventos no futuro.

Dessa maneira, procura-se analisar quais fatores motivam tal experiência de tempo, buscando, num caso individual, e ficcional – a ser: o diário de Roquentin –, o significado que a escrita da história possuía para Sartre e o contexto entreguerras. Assim, em termos metodológicos, a pesquisa baseia-se em autores como François Hartog, Nietzsche, Hayden White, Karl Popper, Reinhart Koselleck, Marc Bloch, Simeão Sass, Franklin Leopoldo e Silva, dentre outros filósofos, historiadores, psicólogos, literatos e artistas da época, etc.

Assim, ao longo do diário percebe-se que Roquentin vive um eterno conflito entre o passado e o presente, bem como entre a história e a arte. A história apresenta-se de uma maneira hermética e fraca, fato que, segundo Hayden White, é legado por parte dos cientificistas do século XIX. No entanto, como bem disse Roquentin no final de seu diário – quando desiste de escrever um livro de história para, enfim, escrever um romance – seria “no passado, e somente no passado” que ele poderia “se aceitar”. Portanto, se tratava de narrar o passado através de um romance, e não através da história. Pois, para o autor, falta à realidade a verdade necessária para escrever um livro de história, enquanto que, na arte, não há tal preocupação acerca de provas ou evidências. A carência acerca da elaboração de um futuro através da história é evidenciada, de uma maneira caricata, na figura do Autodidata, alguém que lê todos os livros da biblioteca de Bouville em ordem alfabética. Para ele, toda a carga de passado, toda experiência não sofreu um processo de elaboração em direção a um futuro melhor. Portanto, procura-se analisar quais fatores, autores e eventos inserem-se nessa falta de perspectiva com relação à escrita da história, e, também, com relação ao futuro.

Logo, percebe-se uma forte preocupação com o passado e suas experiências. Para Roquentin, o que importa, de fato, são os passados “verdadeiros” e que estabeleceram uma continuidade com relação ao presente, ou seja, passados-presentes. Nesse sentido, o que importa não é o passado em si, mas o seu intercâmbio com o momento presente. Deste fluxo entre o passado e o presente emerge, por um lado, um sentimento de segurança – que, perante a historiografia, permanece inerte e pouco eficaz. Roquentin – ele, um historiador – não sabe utilizar as experiências e transformá-las em um passado prático, diferentemente dos médicos, por exemplo, que se valem de “modelos” ou “leis” humanas e aplicam a anatomia dos livros aos pacientes reais. Nesse sentido, estabelece-se um conflito entre a forma de narrar o passado; uma necessidade de não enclausurá-lo dentro de um “rigor historiográfico”, mas sim de utilizar da imaginação e da literatura para escrevê-lo. Portanto, a pesquisa é norteada através destes eixos: a relação entre a literatura e a história – seus limites, sua escrita, sua amplitude –, elucidando diferentes tipos de narrativas acerca do passado e de sua efetividade no contexto entreguerras europeu.